



RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE

**O Ensino da Sociologia na Saúde:  
raça e racismo em debate nos cursos de graduação em saúde**

**The Education of Sociology of Health and Illness:  
race and racism under debate in undergraduate health courses**

**Resumo**

Este relato de experiência apresenta o diálogo entre dois campos do conhecimento: Sociologia e Saúde na aplicação do ensino-aprendizagem na formação em saúde, no que se refere a temática de raça, racismo e saúde. O objetivo é relatar como inserimos a temática de Raça e Saúde no tronco teórico metodológico do ensino de Sociologia na saúde numa Unidade de Ensino de Saúde Especializada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos componentes de Sociologia nos cursos de graduação de Enfermagem, Fisioterapia e Nutrição. Para tanto, descrevemos, como a partir da sala de aula invertida, o contato com cenários reais e a discussão de conceitos-chaves nas perspectivas das relações étnico-raciais, podemos formar profissionais de saúde voltada para a promoção de equidade em saúde.

**Palavras-chave:** Raça e Saúde. Sociologia na Saúde. Equidade.

***Emily O'hanna de Oliveira Silva***

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
[emilyohanna@icloud.com](mailto:emilyohanna@icloud.com)

***Layse Naele Melo da Silva***

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
[laysenaele@gmail.com](mailto:laysenaele@gmail.com)

***Mêrces de Fátima dos Santos Silva***

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
[merces.santos30@gmail.com](mailto:merces.santos30@gmail.com)

### **Abstract**

This experience report presents the dialogue between two fields of knowledge: Sociology and Health in the application of teaching-learning in health training, with regard to the themes of race, racism and health. The objective is to report how we insert the theme of Race and Health into the theoretical methodological core of teaching Sociology in health in a Specialized Health Teaching Unit at the Federal University of Rio Grande do Norte, in the Sociology components in undergraduate courses in Nursing, Physiotherapy and Nutrition. To this end, we describe how, from the flipped classroom, contact with real scenarios and the discussion of key concepts from the perspective of ethnic-racial relations, we can train health professionals focused on promoting equity in health.

**Keywords:** Race and Health. Sociology of Health and Illness. Equity.

### **Introdução**

Este relato de experiência apresenta o diálogo entre dois campos do conhecimento: Sociologia e Saúde na aplicação do ensino-aprendizagem na formação em saúde, no que se refere a temática de raça e saúde. Ambos os campos têm realizado mudanças teórico-metodológicas fundamentais nas suas atuações específicas de ensino, mas quando em diálogo, compreendem que há uma relação intrínseca entre as questões relacionadas à Saúde e à Sociedade. Este entendimento estabelece que o processo saúde-doença e cuidado é uma construção sociocultural e política, portanto, deve ser estudado a partir da perspectiva da consciência histórica (Silva, 2021).

Rüsen (2015) aborda a consciência histórica como um elemento universalmente humano enraizado na historicidade da vida, conectando passado e presente. Esse processo cognitivo contribui para a formação da identidade, moldando a vida humana e proporcionando continuidade cultural. A consciência histórica é crucial para interpretar nossa experiência temporal, facilitando a construção do pensamento histórico que estrutura e dá sentido aos eventos históricos.

O que se constitui o desafio na produção do ensino de sociologia na saúde, tendo em vista que, os modelos de ensino tanto da Sociologia quanto da Clínica (predominante na formação de profissionais de saúde) ainda são insuficientes para as necessidades de atuação voltadas à construção de equidade social. Isto porque, ou prioriza-se exclusivamente o polo

reflexivo ou o prático, quando a nossa *práxis* exige métodos prático-reflexivos em diferentes cenários formativos (Barros, 2014).

Tais desafios são constatados na literatura especializada, conforme apontam os estudos de Barros (2014) e na experiência da docente com estudantes dos anos iniciais dos cursos de saúde (Enfermagem, Fisioterapia e Nutrição) numa Faculdade de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Assim como Barros (2014), a reflexão a que nos colocamos com a experiência docente nos componentes curriculares de Sociologia nos referidos cursos foi: como garantir que um conceito sócio-historicamente construído não seja utilizado por profissionais de saúde como se fosse um insumo da sala de curativos? Refletimos ainda sobre como garantir que os estudantes em formação compreendam a complexidade de seu campo de atuação?

Partindo do entendimento de que o campo da saúde como complexo, que apresenta um duplo “objeto” de estudo que envolvem aspectos biológicos e aspectos sociocultural e político, ou seja, corpo biológico e corpo sociopolítico e subjetivo (simbólico, social, cultural e ambiental); a saúde individual e a saúde coletiva dialogicamente, uma vez que estes aspectos no corpo do ser humano são indissociáveis. Para além da complexidade do “objeto”, a formação de estudo revela também o duplo lócus de atuação nos territórios em saúde (serviço de saúde e comunidade), ou seja, a relação entre saúde e sociedade (Luz, 2009).

Estes pressupostos da complexidade concordam com os Projetos Políticos Pedagógicos dos Cursos de Saúde da FACISA/UFRN, os quais vêm apontando que o perfil desejado para os egressos dos cursos da FACISA, apresentem formação profissional comprometida com o exercício da cidadania e com o desenvolvimento sociocultural local e nacional. Além disso, que possuam formação teórica e prática que promovam a construção de um saber crítico fundamentado nos princípios da justiça social. Para tanto, oferece no seu processo de ensino aprendizagem a necessidade de pensar o cuidado em saúde a partir da compreensão das determinações sociais, culturais, econômicos, comportamentais, psicológicos e éticos, considerando os níveis de cuidados pessoais e coletivos, a partir dos marcadores sociais da diferença em saúde (cor/raça/etnia; gênero e sexualidades, lugar de origem, deficiência, geração).

Estas são questões que não há respostas prontas, entretanto, suscitou-nos a necessidade de pensarmos formas pedagógicas dialógicas que envolvam a relação entre o biológico e cultural, natureza e cultura, e, indivíduo e sociedade. Para tanto, elegemos como temática principal para inserirmos a abordagem dialógica a temática da equidade racial em saúde.

A escolha da temática deu-se pelo diagnóstico que denunciava a tímida discussão do tema e a inexistência de referência de autores e autoras negras nos cursos da referida faculdade de saúde da UFRN, sobretudo, acerca das relações étnico-raciais em saúde.

Neste sentido, o objetivo deste relato de experiência é apresentar como inserimos a temática de Raça e Saúde no tronco teórico metodológico do ensino de Sociologia na saúde da UFRN. O ensino da Sociologia na referida universidade é composto pelos componentes referidos acima que discutem os conceitos fundamentais da sociologia, seus métodos, definições, mas que também incluíram, nos dois últimos anos, análise das formas pelas quais as categorias sociológicas, como o conceito de raça, por exemplo, podem informar e explicar fenômenos relacionados ao processo saúde-doença e cuidado na sociedade contemporânea local e nacional.

## **1 As escolhas teórico-metodológica para discussão de raça, racismo em saúde nos cursos de graduação em saúde**

O desafio de articular no processo de ensino a relação entre saúde e sociedade exige refletir e articular o fazer da docência permanentemente e nos coloca diante de formas de ensinar a partir da apreensão da realidade (Freire, 2007). Para nos colocarmos nesse desafio, elegemos os componentes curriculares ministrados pela autora principal deste relato, Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais, Mestra em Sociologia e Doutora em Saúde Coletiva, na área de concentração de Ciências Sociais em Saúde, Docente de Sociologia nos cursos de graduação da Faculdade de Ciências da Saúde de Trairi da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (FACISA/UFRN), no campus de Santa Cruz, município localizado na Região do Trairi no estado do Rio Grande do Norte.

A referida docente coordenou o projeto de ensino e monitoria “O Ensino das Ciências Sociais na Saúde: teorias e práticas aplicadas à construção de Equidade em Saúde”, cujo o objetivo é contribuir com a consolidação do ensino das ciências sociais nos cursos da saúde da FACISA/UFRN como processo de ensino-aprendizagem capaz de fornecer uma formação crítica e reflexiva com rigor teórico-metodológico para a atuação profissional voltada para construção da equidade em saúde. Para fins deste relato, apresentaremos apenas um dos objetivos específicos que é introduzir o tema das relações raciais em saúde, a partir da leitura de autores e autoras negras, nos componentes curriculares períodos de (2021.1 a 2022.2):

- CST1101 - Concepções Sócio-Política da Enfermagem (Carga horária - 45h)
- CST2104 - Sociologia Geral (Curso de Fisioterapia) (Carga-horária - 60h);
- CST3101 - Sociologia Geral (Curso de Nutrição) (Carga-horária - 60h aula).

Os componentes curriculares acima contavam com a colaboração de discentes, monitores(as) do projeto dos 5º ao 8º períodos do curso de Psicologia da FACISA/UFRN. No total, foram cinco discentes que participaram do planejamento geral das aulas, que ministraram temáticas específicas sob supervisão da docente, além de organizarem materiais e conteúdos didáticos para compor o processo de ensino aprendizagem nos cursos. Cabe pontuar que, os/as

discentes em sua maioria faziam parte do Grupo de Estudo e Pesquisa “Equidade, Racial em Saúde” e cursaram a disciplina optativa “Saúde da População Negra” do curso de Psicologia da FACISA/UFRN.

As aulas utilizadas para discussão da temática de equidade racial corresponderam a 20h-aula da carga horária total, ou seja, aproximadamente 34% dos componentes curriculares. A principal metodologia utilizada nos componentes curriculares foi a técnica da sala de aula invertida, que consistiu no contato inicial dos/das discentes em grupos com os temas/debates partir de: a) estudos de casos reais ou fictícios; b) curta metragens e documentários; c) estudos dirigidos, para, em seguida, ocorrer o debate mediado pelos/as docentes e monitores. A perspectiva era colocar os/as discentes diante de cenários de reflexão problematizadora no que se refere à questão de raça/cor e desigualdade social e em saúde.

Cada componente curricular apresentou cenários e alguns temas específicos, conforme sua formação e núcleo de saber, entretanto, alguns conceitos constituíram temáticas comuns que foram debatidos em todos os cursos, como a constituição da sociologia como o projeto de modernidade, que traz na sua base o racismo científico, a partir da constituição da ideia iluminista de homem universal (branco e europeu) e, conseqüentemente, apagamento das diferenças de outros modos de ser humano, em que encontraremos a construção da dicotomia de civilizado e selvagens. Almeida (2019) aponta que, nesse sentido, nem todos os sujeitos eram reconhecidos como humanos, sobretudo, os não-brancos.

Neste sentido, a discussão realizada em “A imaginação Sociológica” de Wright Mills (1978) e em “Colonialidade do poder”, de Quijano (2005), através do caso real a seguir.

Esse é Nick, mesmo sem braços nem pernas e proibido de estudar na escola normal por sua deficiência, sendo tratado como demente por colegas e professores, aprendeu a escrever com a boca e se formou em Contabilidade e Planejamento Financeiro. Tornou-se um palestrante internacional, escritor e apresentador de TV, sendo inspiração e motivação para milhões de pessoas.

Ao seu lado está Yasmim, que não consegue emprego nem crescer na vida, segundo ela, por causa do cabelo.



Imagem 1

A partir da exposição do caso acima foram discutidos a concepção de ciência e quais as ferramentas analíticas usadas pela Sociologia para a compreensão da analogia publicada em redes sociais no Brasil e por que não podemos realizar semelhança analítica sem consciência histórica do fenômeno estudado.

Ademais, nos temas em comum (I Unidade - conceitos fundamentais) que foram abordados nos cursos, tratamos da perspectiva de estigma e identidade social, subjacente à discussão e à problematização da construção do eu negro em Fanon (2008) ao analisarmos o documentário “Casa dos Mortos”, dirigido pela antropóloga Débora Diniz, em 2009. Trata-se de um documentário que retrata a vivência de homens negros (pretos e pardos) num manicômio-presídio de Salvador-BA, que sentenciam a loucura a prisão perpétua.

Contudo, é na II Unidade denominada “Saúde e Sociedade” dos componentes curriculares dos cursos de Enfermagem e Fisioterapia da FACISA/UFRN que iniciamos a discussão sobre Equidade Racial em Saúde, que pressupõe a necessidade de pensarmos as questões das diferenças e diversidade culturais e humanas, bem como as repercussões destas diferenças na produção de desigualdades produzidas pelas relações sociais. Este conceito parte da compreensão de que para produzirmos justiça social devemos considerar como se dá a produção das desigualdades sociais demarcadas pelas as diferenças raciais e as diversidades socioculturais no Brasil e assim propor políticas públicas que atendam tais perspectivas (Faustino, 2012).

No curso de Nutrição, a II Unidade denominou-se “*Saúde, Sociedade e Alimentação*”, que consistiu em aulas e atividades de ensino aprendizagem que abordaram a questão da apresentação do conceito de fome por dois autores negros: 1) Josué de Castro em sua obra “Geografia da Fome” e; 2) Carolina Maria de Jesus em sua obra “Quarto de Despejo - diário de uma favelada”.

A seguir apresentaremos as especificidades dos debates ocorridos nas unidades de ensino nos componentes curriculares supracitados.

## **2 Raça e Saúde em debate no curso de Enfermagem Fisioterapia**

Nos componentes curriculares Concepções Sócio-Política da Enfermagem e Sociologia Geral (Curso de Fisioterapia), nas turmas de 2021.1; 2022.1 e 2 e; 2023.1, na Unidade II “Saúde e Sociedade”, a discussão sobre raça e racismo em saúde ocorreu a partir da organização de Seminários sobre “Saúde da População Negra”. A unidade inicia-se com o debate sobre conceito ampliado de saúde e a perspectiva da equidade. Partindo da compreensão que pensar em saúde a partir do arcabouço sociológico, seria necessário pensar nas condições materiais de vida da população, nas diferenças de identidades sociais e na garantia de cidadania para toda a

população, ou seja, a saúde como um direito humano que implica no acesso de bens e serviços que atendam às necessidades básicas de diferente pessoas e camadas sociais.

Entretanto, as perguntas para reflexão a serem desenvolvidas seriam: 1) A garantia de sujeitos de direitos estaria estabelecida numa sociedade de estrutura racista?; 2) O que explica a produção de iniquidade em saúde serem mais agravadas em determinadas populações e grupos socioculturais?; 3) Como se apresenta a produção da desigualdade social e em saúde?

Para refletir sobre este cenário, convidamos os/as discentes a conhecerem a partir da literatura científica de Werneck e outros (2012a); Almeida (2019); Werneck (2016); Gonzalez e outros (2022) e da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) a situação de saúde desta população negra e a necessidade do enfrentamento do racismo institucional em saúde (Brasil, 2009). Pensando na metodologia da sala de aula invertida, os/as discentes foram divididos em grupos para estudar a PNSIPN, qual seu objetivo e as estratégias de ação que foram analisadas para sua implantação.

Um dos grupos do curso de enfermagem (turma 2022.1) apresentou as perspectivas da saúde da população negra, a partir do conceito de saúde praticado nos rituais de cuidado num terreiro de Jurema Sagrada, no território de saúde de Santa Cruz-RN. Para tanto, o referido grupo realizou uma entrevista gravada com imagem e som com a juremeira “Mãe Preta”. Para realização da entrevista semiestruturada de cunho narrativo, os/as discentes buscaram apreender quais as principais práticas de cuidado em saúde realizado no espaço da jurema e como o grupo elabora seus entendimentos de saúde e cuidado. O resultado do trabalho impactou a turma como um todo, tendo em vista que, ao estarem no cenário e o relato de experiência trocados, demonstram que há um desconhecimento sobre o modo civilizatório das religiões de matriz afro-índigena e o racismo religioso praticado contra estes grupos culturais, a partir da construção e estigmas e identidades sociais negativas.

Ademais, apreendeu-se que a perspectiva do conceito integral em saúde não se constitui como um conceito inovador ocidental, mas faz-se presente em outros modos de ser no mundo, antes da sistematização realizada no Ocidente. Mais que isso, com os estudos da PNSIPN, os/as discentes acessaram o entendimento de que a luta pelo direito à saúde da população negra iniciou desde a travessia transatlântica com a luta pela preservação e recriação cultural, passando pela arte, cura, espiritualidade e por condições dignas de vida na sociedade de classe que se formava no Brasil (Fernandes, 1978).

O objetivo da discussão sobre a PNSIPN seria conduzir os/as discentes ao entendimento de que as iniquidades raciais em saúde se constitui pela prática de racismo institucional praticado e renovada nas instituições sociais e nos serviços de saúde e, uma das formas de enfrentá-los seria combater o racismo institucional produzido na formação de profissionais de saúde. Para tanto, seria necessário compreender o conceito de raça como um constructo social, que não tem

espectro biológico-científico, mas que foi construído e consolidado pela ciência moderna para hierarquizar pessoas. Sendo assim, um conceito sociopolítico e histórico necessário para compreender a ou as sociedades contemporâneas.

### **3 Raça e Saúde em debate no curso de Nutrição**

No componente curricular “Sociologia Geral” nas turmas de 2022.1 e 2023.1, na Unidade II “Saúde, Alimentação e Sociedade” os/as discentes aprenderam sobre a vida e obra de Josué de Castro e Carolina Maria de Jesus através de debates produzidos com auxílio de documentários e entrevistas sobre o pensamento e a ação desses personagens acima citados.

Com a leitura sobre a obra *Geografia da Fome* de Castro (2005), os/as discentes compreenderam o conceito de fome como conceito sociológico e a relação entre alimentação e raça no Brasil partindo da premissa de que a fome no Brasil teria cor/raça e etnia, gênero, classe e território. Ademais, diante do cenário pandêmico, os/as discentes puderam acompanhar a discussão de maneira concomitante por meio de seus relatos pessoais sobre as experiências durante a pandemia, observando o aumento da escassez de acesso a certos alimentos. Além disso, estiveram atualizados com pesquisas que evidenciaram o crescente índice de fome e pobreza no Brasil (Cruz, 2020; Neves *et al.*, 2021).

Para sintetizarmos a discussão, os/as discentes pesquisaram em supermercado o preço da cesta básica, comparando com o salário-mínimo para analisar o poder de compra da cesta básica com o valor dos alimentos e o salário. Aplicaram o valor dos alimentos e o poder de compra no caso fictício (produzido a partir de relato de experiências de famílias negras periférica publicados em jornais) de uma família negra, mãe e pai e quatro filhos (idades: 11 anos, 10 anos, 09 anos e 4 meses), que moravam em casa alugada, numa área remota do Nordeste brasileiro, com um salário-mínimo. O objetivo foi refletir qual seria o papel do/a nutricionista diante da constatação da realidade dada.

Com o intuito de alcançar o objetivo da II Unidade e relacionar ao debate de raça e racismo em saúde, dividimos os/as discentes em cinco grupos para apresentarem o debate da obra de Carolina Maria de Jesus. Cada grupo ficou responsável por trechos do seu diário “Quarto de Despejo” e para pesquisar sobre a vida e obra da escritora e correlacionar os temas discutidos a partir do debate de raça, gênero e classe. Para tanto, os grupos partiram do conceito de fome de Josué de Castro e formularam pressupostos acerca das questões de desigualdade social e da fome no Brasil.

Para o desenvolvimento do argumento/pressuposto analisado a partir dos trechos da obra, o grupo realizou entrevista com pessoas ou suas famílias ou da comunidade ou pessoas mais velhas que podiam contar a partir de suas trajetórias de vida, com vivência e experiência de vida



dos anos 1950 até os dias atuais sobre a fome e carestia no Brasil. Os resultados produziram foram os seguintes:

- Desenvolvimento da capacidade crítico reflexiva, a partir da interpretação entre conceito, texto e contexto da realidade;
- Relatos que apontaram desconhecer as questões relacionais entre fome, raça e sociedade;
- Compreensão da construção do racismo estrutural no Brasil;
- Identificação de autores e intelectuais negros e como esses interpretaram a realidade do Brasil e foram esquecidos na produção científica devido ao racismo institucional.

### **Considerações finais**

A inserção do tema das relações étnico-raciais e de Direitos Humanos em saúde nos supracitados componentes curriculares deve-se às necessidades de discussão da temática nos cursos de graduação em saúde, conforme recomendado pelo Ministério da Educação (MEC) em suas análises no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), realizado nos últimos anos nos cursos da saúde na UFRN.

Ademais, a escassez de discussão sobre os referidos temas na formação em saúde reflete-se na existência de dificuldades de profissionais de saúde em seus respectivos serviços não levarem em consideração, quer seja nos processos de acolhimento, quer seja na assistência e cuidado em saúde as questões relacionadas à raça/cor e etnia da população e suas especificidades.

Como exposto anteriormente as desigualdades raciais impactam no processo saúde-doença-cuidado e para que tais assertivas perpassam a formação dos profissionais de saúde faz-se necessário problematizar e debater nos cursos (a partir da literatura selecionada) as prerrogativas da suposta democracia racial no Brasil, que nesse sentido, é em grande parte uma história que se confunde com a própria história do racismo, mesmo com tentativas de mascarar ou amenizar o problema e as lutas raciais no país (Nunes, Lehfeld & Netto, 2021) promovendo processos de assimilação da colonização que invisibilizam a cultura afro-brasileira e traz iniquidades sociais e em saúde para esta população (Werneck, 2016).

Florestan Fernandes, contrariando os autores que fortalecem o mito da democracia racial afirmava que o racismo brasileiro, está associado à uma percepção de indivíduos como negros e indígenas como inferiorizados em relação aos brancos, estes tendo a si próprios como superiores e dominadores dos demais povos (Nunes, Lehfeld & Netto, 2021). Consideramos que esta problemática raça (racismo) e saúde como fundamental para compreensão da sociedade contemporânea. Isto porque, percebe-se que o racismo modela-se histórica e politicamente o cotidiano das relações sociais (Fernandes, 1978). Portanto, este contexto é de fundamental

importância para que possamos compreender como se estrutura o que vamos chamar de racismo institucional, presente nas instituições de Educação e de Saúde, inclusive o silêncio das instituições sobre as questões raciais na sociedade brasileira.

## **Bibliografia**

BRASIL, Ministério da Saúde. *Política Nacional de Saúde Integral da População Negra*. Brasília: MS, 2009.

BARROS, Nelson Filice. O ensino das Ciências Sociais em saúde: entre o aplicado e o teórico. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19. n.4, Rio de Janeiro, 2014.

CRUZ, Samyra Rodrigues da. Uma análise sobre o cenário da fome no Brasil em tempos de pandemia do COVID-19. *Pensata*, v. 9, n. 2, 2020.

FAUSTINO, Deivison. A equidade racial nas políticas de saúde. In: Werneck, Jurema; Batista, Luiz Eduardo; (orgs.). *Saúde da população negra*. 2. ed. -- Brasília, DF: ABPN – Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, 2012.

FANON, Fanon. *Pele Negra Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1978.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 45 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar do negro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

LUZ, Madel. Complexidade do Campo da Saúde Coletiva: multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, e transdisciplinaridade de saberes e práticas – análise sócio-histórica de uma trajetória paradigmática. *Revista Saúde e Sociedade*. São Paulo, v. 18, n. 2, p.304-311, 2009.

NEVES, José Anael et al. Desemprego, pobreza e fome no Brasil em tempos de pandemia por Covid-19. *Revista de Nutrição*, v. 34, p. e200170, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005a. p. 107-30.

RÜSEN, Jörn. *Teoria da história: uma teoria da história como ciência*. Tradução Estevão C. de Rezende Martins. Curitiba: UFPR, 2015.

NUNES, Danilo Henrique; LEHFELD, Lucas Souza; NETTO, Carlos Eduardo Montes. A desconstrução do mito da democracia racial e o racismo estrutural no Brasil: educação e transformação social. *Rev Direito*, p. 79-104, 2021.

SILVA, Mercês de Fátima dos Santos. *Projeto de Monitoria “O Ensino das Ciências Sociais na Saúde”*: teorias e práticas aplicadas à construção de equidade em saúde. Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi - FACISA. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, marc. 2021.

WERNECK, Jurema; Batista, Luiz Eduardo; (orgs.). *Saúde da população negra*. 2. ed. -- Brasília, DF: ABPN – Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, 2012a.

WERNECK, J. Racismo institucional e saúde da população. *Revista Saúde e Sociedade*, 2016, v.25, n.3, p.535-549.

***Recebido em: 30 de out. de 2023***

***Aceito em: 24 de fev. de 2024***